

Editorial

Os estudos de gênero têm se mostrado de grande importância na sociedade atual. Vivemos momentos nos quais a vida e o direito das mulheres são atacados por homens, políticos e religiosos. Muitas mulheres são agredidas e mortas pelos seus maridos, companheiros, ex-maridos, ex-companheiros, ex-namorados, enfim, homens que não aceitam o fim da relação e por este motivo decidem que a mulher, que eles consideram sua propriedade, não deve viver. A população LGBT+ também tem sido alvo de preconceito e violências. Por outro lado, esta mesma população tem encontrado espaços para se manter no ambiente escolar e universitário e tem conseguido se unir e se fazer ouvir.

O ano de 2018 marcou, na sociedade brasileira, um momento de retrocesso no que tange a manutenção e ampliação dos direitos humanos. O retrocesso alcançou seu ápice com a eleição para presidente do Brasil de um sujeito que, durante sua trajetória política, atacou constantemente as minorias, dentre elas, as mulheres, as populações negra, indígena e LGBT+.

Considerando que o voto é livre podemos concluir que a maioria que assumiu um posicionamento político e registrou seu voto no referido candidato concorda com a forma de pensar do mesmo, ou seja, considera que as pessoas pertencentes a essas minorias tem menos direitos do que as demais pessoas sem perceber que elas mesmas pertencem aos grupos cujos direitos são atacados pelo presidente eleito.

O discurso atual está construído uma imagem de que as professoras e professores são o inimigo número um da família e do país. Estes profissionais são atacados e ameaçados. A liberdade de cátedra é questionada e está em risco. No dia de ontem (11/12/2018) o projeto Escola Sem Partido foi arquivado pela Comissão Especial do Congresso Nacional, fato que representou uma vitória, mesmo que temporária, das pessoas que lutam pelos direitos humanos no Brasil. Porém, a promessa, por que não dizer, ameaça, é de que no próximo ano o projeto volte a ser avaliado.

Desta forma, presumimos que tempos difíceis para as/os estudosas/os do campo de gênero, étnico/racial, diversidade sexual estão por vir. Sendo assim, espaços como o ofertado pelos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) para divulgação da produção acadêmica/científica nestas áreas do conhecimento torna-se cada vez mais relevante.

Como forma de resistência publicamos o número 38 dos CGT que oferece com 5 (cinco) artigos e uma entrevista que visam contribuir para a discussão destas temáticas. Os artigos abordam, em seu bojo, temas diversos e que nos convidam

a reflexão sobre nossas práticas diárias e apresentam novas formas de se pensar a sociedade atual.

Assim, iniciamos este número com a contribuição de Verônica Caroline de Matos Ferreira e Josiane Peres Gonçalves com o artigo intitulado Mudanças nas representações femininas fílmicas do Estúdio Walt Disney do século XX: a Princesa Clássica Branca de Neve (1937) e a revolucionária Mulan (1998). Neste artigo as autoras lançam seus olhares sobre os filmes produzidos pelo estúdio Disney do século XX e se debruçam mais atentamente sobre o filme Branca de Neve e os Sete Anões de 1937 que apresenta uma princesa clássica e Mulan de 1998 no qual a princesa tem um perfil revolucionário. Nesses filmes, as autoras analisam os discursos sobre as mulheres presentes nestas obras que são transmitidos ao público infanto-juvenil. Destacam que, embora haja mudança no perfil das duas princesas em questão, alguns estereótipos ainda permanecem intactos. As autoras concluem, que embora Mulan apresente uma princesa que vai ao campo de batalha, que é revolucionária, ambos apresentam um final semelhante, nos quais, as princesas encontram seus príncipes e vivem o tradicional “felizes para sempre!”

O segundo artigo intitulado Projeto de intervenção sobre as desigualdades entre os sexos com estudantes de uma escola pública é uma contribuição de Helisabety Barros. Neste artigo a autora nos apresenta o relato de uma experiência realizada em uma escola pública de Maceió no estado de Alagoas sobre o que é ser homem ou ser mulher. A intervenção foi proposta como uma das atividades do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE). Durante a execução desta intervenção a ideia era discutir como os papéis atribuídos aos homens e às mulheres são construídos.

A autora destaca que a escola é um espaço privilegiado para o debate de tal temática podendo se constituir num espaço de transformação das concepções presentes na sociedade atual. Helisabety destaca que, se por um lado houve a adesão e participação de docentes e estudantes no desenvolvimento desta atividade, este número foi reduzido. Destaca ainda a relevância dos cursos de formação de docentes para abordar as temáticas de gênero e diversidade no ambiente escolar.

Na sequência apresentamos o artigo de autoria de Renata de Fátima Tozetti, Marcos Claudio Signorelli e Daniel Canavese de Oliveira sob o título Gênero e Diversidade para além da escola: avanços e desafios da política pública que também versa sobre o curso GDE desta vez realizado pela UFPR setor litoral. Os autores realizaram uma pesquisa com participantes do GDE dois anos após a conclusão do curso buscando saber os impactos dos conteúdos apresentados no referido curso em suas práticas docentes na escola e fora dela. Os resultados apontam que depois da conclusão da formação os/as profissionais aplicaram os conhecimentos adquiridos no GDE nas suas práticas docentes, bem como, em suas relações pessoais.

Os autores destacam ainda a relevância desta política pública para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Destacam ainda que políticas públicas como esta podem diminuir as desigualdades de gênero, bem como promover o respeito a diversidade sexual na escola e na

sociedade como um todo. Ressaltam ainda a importância de se manter/retomar a oferta de cursos de formação docente para se formar uma massa crítica capaz de desenvolver trabalhos relevantes no combate às desigualdades de gênero na escola e na sociedade como um todo.

O quarto artigo foi produzido por Diego Santos Vieira de Jesus e recebeu o título Os diários virtuais dos “feras”: a virilidade em perfis oficiais de jogadores de futebol no Instagram no qual o autor analisou, por meio das postagens no Instagram, de que forma os jogadores de futebol Neymar Jr. (do Brasil) e Lionel Messi (da Argentina) constroem e afirmam a virilidade. O autor considera que, no que diz respeito a prática esportiva, ambos construíram a imagem de guerreiros, na qual a virilidade está associada à disposição física e moral condizente a prática esportiva. A conquista financeira é utilizada no que concerne a publicidade construindo a imagem de que são superiores a outros homens. Destaca ainda que a maioria dos/as seguidores/as deixaram mensagens de apoio e admiração pelos “feras” evidenciando que a imagem viril construída por eles satisfazem os anseios de seus/suas seguidores/as.

Para fechar a seção de artigos deste número dos CGT apresentamos a contribuição de Márcia Barbosa de Menezes sob o título Diferentes ‘guerras’, preconceitos iguais: assimetrias de gênero segundo professoras de matemática de duas gerações. A autora pesquisou o Instituto de Matemática (IM) da UFBA que teve, na sua constituição, a liderança de duas mulheres (Martha Maria de Souza Dantas e Arlete Cerqueira Lima). Para conseguir tal feito elas precisaram ser muito persistentes e usar estratégias sutis, ou nem tanto, para serem ouvidas.

O artigo está baseado em entrevistas realizadas com mulheres docentes do IM da UFBA. Com base nos relatos das participantes da pesquisa a autora conclui que as paredes do labirinto de cristal, conceito definido por Betina Stefanelo Lima (2013), se fez presente na trajetória destas mulheres, entretanto, mesmo enfrentando obstáculos que a elas foram impostos pelo fato de serem mulheres, elas conseguiram crescer intelectual e profissionalmente. O artigo evidencia a importância que as mulheres tiveram para a criação e consolidação do IM da UFBA e para estimular outras mulheres a se dedicarem a carreira docente na área de matemática.

Finalizamos este número com a entrevista com Katemari Diogo Rosa. Pela primeira vez entrevistamos uma mulher negra que tem se destacado na sua área de atuação. Mulher negra, física, pesquisadora e docente da UFBA, Katemari nos conta um pouco de sua trajetória pessoal e profissional, bem como os desafios para se tornar uma professora e pesquisadora em uma área com predomínio de homens brancos. A trajetória de Katemari é inspiradora e pode estimular outras meninas/moças/mulheres a se dedicarem a carreira na área das ciências exatas.

Assim se constitui o número 38 dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas sejam inspiradoras e despertem nos/as leitores/as a vontade de ingressar, permanecer e enfrentar as dificuldades de se desenvolver pesquisas na área de gênero, ciência, tecnologia, educação, sexualidade, diversidade sexual, dentre outras.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Sejamos resistência!

Lindamir Salete Casagrande
Editora dos Cadernos de Gênero e Tecnologia